



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

COMUNICAÇÃO ORAL

ISSN 1983-6783

O DESENVOLVIMENTO HUMANO DOS ALUNOS DA ÁREA DE SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA DO UNILASALLE NAS PRÁTICAS DE EXTENSÃO

Fádua Ionara Andrade de Andrade, Luciane Pertille da Costa, Paulo Fossatti (orient.), Maria Angela MattAr Yunnes (coorient.)
Centro Universitário La Salle

Resumo

Tema: desenvolvimento ecológico humano e gestão das práticas de extensão. Objetivo: identificar se as práticas de extensão valorizam aspectos de desenvolvimento humano. Método: revisão bibliográfica. Resultados: nota-se mais ênfase a aspectos técnicos do que ao desenvolvimento humano.

Palavras-chave: *Desenvolvimento ecológico humano, gestão da extensão universitária, Unilasalle.*

Área Temática: PPG em Educação

1. Introdução

O desenvolvimento humano sob a perspectiva ecológica dá-se pelas influências e relações dos diversos contextos/ambientes ao qual uma pessoa se insere ou pelo qual é atingida. Uma instituição de ensino superior (IES) pode ser um desses ambientes a influenciar o desenvolvimento das pessoas que nela convivem. Alunos, professores, funcionários e visitantes podem, em maior ou menor intensidade, ter seu comportamento modificado a partir de suas experiências e interações vividas na instituição. Tais experiências podem ocorrer em sala de aula, no convívio com colegas ou, ainda, nas atividades extensionistas desenvolvidas no decorrer da trajetória acadêmica. Ao se mencionar extensão, entende-se aquelas atividades que buscam ampliar o alcance de um IES, de forma a contribuir além da sala de aula, levando o conhecimento para fora de seus muros conforme entende Fernandes (2011). A gestão da extensão realizada pelas IES, também conhecida como extensão universitária, comumente se apresenta em forma de atividades de promoção do bem-estar social. Dessa forma, acaba por proporcionar uma relação entre IES e comunidades. A abordagem do desenvolvimento ecológico humano possibilita entender a prática extensionista social como uma das oportunidades de se estabelecer relações capazes de promover o desenvolvimento humano, não só para as pessoas por elas atendidas, como também, para os acadêmicos envolvidos na prática. Esse artigo busca identificar essa relação e utiliza-se de revisão bibliográfica dos resumos dos pôsteres de autoria de alunos da graduação do Unilasalle publicados nos anais da SEFIC dos anos de 2012, 2013 e 2014. A escrita desse artigo consiste na abordagem dos principais conceitos de extensão universitária, além de explicar o desenvolvimento ecológico humano proposto por Bronfenbrenner (1996) e as aproximações entre os conceitos. Após, apresenta e analisa os achados decorrentes da revisão dos resumos e as considerações à luz do referencial teórico estudado.

2. A extensão universitária e a ecologia do desenvolvimento humano



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

COMUNICAÇÃO ORAL

ISSN 1983-6783

Conforme previsto na Constituição Federal de 1988 (CF), as universidades “[...] obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.” (BRASIL, 1988). Para Novaes e Maciel (2015) a pesquisa refere-se aos processos de investigação realizados no ambiente universitário; o ensino trata do compartilhamento de conhecimentos necessários à formação profissional; e a extensão pode ser considerada como espaço de cultura e prestação de serviços. Já a indissociabilidade trata-se da necessidade da integração de saberes, seja a partir da ação conjunta de professores e alunos, ou por meio da gestão integrada das atividades de ensino, pesquisa extensão. (MENEZES; SÍVERES, 2011). Para o presente trabalho será focalizado o conceito de extensão por seu caráter de ampliar, estender as atividades universitárias de forma a maximizar o alcance do saber e possibilitar sua efetividade.

Síveres (2011), ao introduzir o conceito de extensão, cita a necessidade de desenvolvimento social presente na sociedade contemporânea. Reconhece que a humanidade alcançou grandes avanços, perceptíveis não só em bens e serviços, mas como nas discussões em relação a meio ambiente, promoção da democracia e gênero. No entanto, o autor acredita que a civilização ainda possui desafios cujo enfrentamento é necessário para a conquista do que denomina “[...]um patamar de vida que seja a expressão de sua dignidade.” (SÍVERES, 2011, p. 27). Nessa reflexão, o autor traz à tona questionamentos sobre os efeitos dos avanços tecnocientíficos, em especial aqueles prejudiciais, e acredita que tais avanços devem ser percebidos por aquilo que agregam em conhecimento, mas, também, pelos impactos sociais que promovem. Outro aspecto que caracteriza do desenvolvimento tecnocientífico, e também considerado prejudicial, é a fragmentação tanto dos saberes quanto da compreensão do mundo (Morin, 2014; Síveres, 2011). Nesse sentido, Síveres (2011) acredita que a universidade deve estar a serviço da promoção e construção de cidadania, à medida que coloca em dúvida a real contribuição da ciência para o bem-estar social. E por ser íntima da universidade, a ciência, a partir da extensão, pode ser o suporte para a construção de um conhecimento que contribua para a prática social. Isso justificaria por que o lugar da extensão nas IES é comumente relacionado às atividades de aproximação e construção social.

Para Fernandes (2011) a extensão universitária, quando integrada ao ensino e à pesquisa, pode ser considerada o *locus* da função social nas instituições. A autora vê a extensão como parte da formação de alunos e professores, além de se constituir como um meio estratégico para a ampliação dos canais de interlocução da instituição para com seus públicos de interesse. Ainda conforme Fernandes (2011) é a partir de atividades que atendam necessidades das comunidades e da instituição, que a extensão dá condições para a aplicabilidade do conhecimento técnico-científico de forma a equilibrá-lo com a formação humanizadora e o compromisso social. E é devido a essa característica que a extensão se torna fundamentalmente importante para as Instituições Comunitárias de Ensino Superior (ICES), pois as mesmas necessitam desenvolver ações para o atendimento às comunidades de seu entorno, com vistas à melhoria da qualidade de vida das pessoas envolvidas, incluindo nessas, as da comunidade acadêmica. (NOVAES; MACIEL, 2015, FERNANDES, 2011). Logo entende-se que a extensão é um processo integrador, levando o conhecimento dado em sala de aula à sociedade, gerando impactos a todos que dela participam, sejam esses alunos, comunidade, professores e demais participantes.

Síveres (2011) acrescenta que a extensão deve ser compreendida dentro do princípio da circularidade interativa. Esse princípio tem a ver com a representação gráfica do conhecimento, em espiral e em constante ampliação, ou seja, a circularidade. Já a interatividade propõe uma relação entre ciência e vivência. Nesse ciclo, o autor aponta a ciência como o esforço da civilização humana em explicar os fenômenos a sua volta, porém ainda carente de direcionamento social. Já a vivência propõe um modelo onde a vida, em sua diversidade, seja o centro, o objetivo das ações. De acordo com Síveres (2011, p. 33), “[...] a vivência ao possibilitar o instante vivido como um processo inerente à condição humana assume a acolhida, a corporalidade e a transcendência como condições mais favoráveis para desencadear a formação humana, profissional e cidadã.” Na compreensão do autor, acolhida significa disposição à vida. Corporalidade descreve as necessidades do ser humano além dos aspectos fisiológicos, como a necessidade por cores, gostos, cheiros, sons e carícias. Já a transcendência é entendida como



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

COMUNICAÇÃO ORAL

ISSN 1983-6783

oportunidade de transcender a própria condição humana, em relação a seu jeito de ser e estar no mundo, uma busca constante de novos horizontes.

Logo, a interatividade da ciência e da vivência estabelece uma interatividade circular, algo que pode ser desenvolvido a partir da extensão universitária, pois, “a extensão precisa estar aberta para acolher a vida dos sujeitos educativos e o projeto das instituições educadoras, abrigando os grandes desafios da comunidade e buscando, com eles, conduzir um processo de formação humana e de construção social.” (SÍVERES, 2011 p. 35).

Além disso, Síveres (2011) também considera a extensão como exemplo de conectividade dialógica. A conectividade dialógica, explica o autor, busca compreender se há associação complementar ou ação convergente de um princípio antagônico entre dois conceitos. Na proposta de Síveres (2011), esses conceitos são a consciência e convivência. A consciência pode ser entendida como o aspecto humano que tem a ver com memória e lembrança, como também com intencionalidade e postura política ou ética. Essas características, frisa o autor, são aquelas que podem provocar movimentos para a promoção da convivência, que tem como pressuposto a conexão com o outro. Assim conviver é coexistir, o que possibilita a construção coletiva do saber. Para o autor, tal conectividade contribuiu para o entendimento amplo sobre extensão universitária, não linear, de conhecimento multidisciplinar, integrador, geradora de convívio e desenvolvimento mútuo.

A partir dos entendimentos até aqui descritos, é possível perceber que a extensão na universidade não necessariamente deve estar alocada em determinado setor. Até pelo princípio da indissociabilidade, a mesma pode e deve estar inserida nas mais diversas atividades acadêmicas, desde que agregue as características que a definem. As atividades podem estar presentes em quesitos curriculares (junto ao desenvolvimento de disciplinas), projetos específicos ou a partir de outras iniciativas. Entende-se que a extensão acaba por propiciar oportunidades de atendimento à comunidade, seja recebendo em suas dependências, seja indo até os locais onde existem demandas sociais. Dessa forma, oportuniza contato entre realidades distintas, mas que se complementam.

E por se caracterizar como uma oportunidade de convivência, é possível aproximar o conceito de extensão com a abordagem ecológica de desenvolvimento humano proposta por Bronfenbrenner (1996). De forma coesa, Bronfenbrenner (1996, p. 4), define desenvolvimento como “uma mudança duradoura na maneira pela qual uma pessoa percebe e lida com o seu ambiente”. Todavia, o entendimento do conceito necessita também da compreensão do que pode ser considerado ambiente na concepção de desenvolvimento ecológico. O próprio Bronfenbrenner (1996) reconhece que seu entendimento sobre o que vem ser ambiente é pouco ortodoxo, e está relacionado com como as pessoas o percebem e não com suas configurações objetivas. Segundo Yunes e Juliano (2010), o ambiente na visão de Bronfenbrenner (1996) é composto por estruturas encaixadas e complementares entre si, como um conjunto de bonecas russas. Essa metáfora, explicam as autoras, é utilizada para representar os níveis estruturais do mapa ecológico, a saber: microssistema; mesossistema; exossistema e o macrosistema. A partir dos entendimentos de Yunes e Juliano (2010), Alves (1997) e Bronfenbrenner (1996), segue elucidação de cada um desses sistemas.

Os microssistemas são aqueles onde as pessoas encontram oportunidades de interações face a face. São exemplos a própria família, a escola, a universidade, entre outros locais de convívio. Quando se estabelece uma relação bidirecional entre duas pessoas, há uma díade, que consiste em uma das principais características dos microssistemas. Uma díade pode ser observacional (quando uma pessoa presta a atenção ao comportamento de outra) ou de atividade conjunta (quando a pessoa participa de alguma atividade com a outra). O potencial de desenvolvimento em uma díade de atividade conjunta tem a ver com três características essenciais: 1) reciprocidade (quando ambos da relação acabam influenciados pelo o que o outro faz, numa troca mútua); 2) equilíbrio de poder (onde ora um tem o domínio da relação, ora esse domínio passa ser do outro); e 3) afeto (quando, no decorrer do processo, há o estabelecimento de sentimentos, de preferência positivos).

Já um mesossistema diz respeito às inter-relações entre os contextos em que um indivíduo participa. Um exemplo comum para ilustrar o que vem a ser mesossistema é a relação entre



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

COMUNICAÇÃO ORAL

ISSN 1983-6783

família e escola. Em cada um dos contextos as pessoas exercem papéis, que vem a ser o comportamento esperado pelos demais em relação a determinada pessoa. Como explicam Yunes e Juliano (2010), baseadas nas ideias de Bronfenbrenner, “o papel é visto como um conjunto de atividades e relações esperadas de alguém que ocupa uma determinada posição na sociedade, assim como dos outros em relação a essa pessoa.”. Assim como no microsistema, as forças de um mesossistema residem nos papéis, nas estruturas interpessoais e nas chamadas atividades molares – que são aquelas com intencionalidade ao desenvolvimento, também conhecidas como processos proximais primários. Quando uma pessoa tem a oportunidade de se inserir em um determinado contexto pela primeira vez, há uma transição ecológica. Também consiste em transição ecológica uma mudança de papel, atividades ou até mesmo uma modificação no contexto. Utilizando-se o exemplo da criança na escola, o primeiro dia de aula se caracteriza uma transição ecológica.

Já exossistemas são contextos nos quais a pessoa não se encontra, mas que influenciam no seu desenvolvimento. Yunes e Juliano (2010 p. 362) afirmam que exossistema “[...] diz respeito a um ou mais ambientes que não envolvem a pessoa em desenvolvimento como um participante ativo”. Aquilo que ocorre no exossistema afeta o ambiente onde a pessoa se encontra e vice-versa. A vida dos filhos, por exemplo, pode ser afetada por eventos que ocorrem nos locais de trabalho dos pais.

Por fim, há o macrossistema, que se refere aos sistemas de valores e crenças presentes em qualquer cultura, e que acabam por influenciar no desenvolvimento dos indivíduos. Conforme Yunes e Juliano (2010 p. 363), o macrossistema “tem a ver com valores, crenças, maneiras de ser ou fazer, hábitos, estilos e formas de viver características de determinadas sociedades ou culturas, veiculados ao nível dos subsistemas.”.

Dessa forma, o desenvolvimento humano é um resultado da complexidade desses sistemas, a partir de suas relações e influências. A pessoa em desenvolvimento pode se moldar ao ambiente, como também pode mudá-lo ou até mesmo recriá-lo (YUNES; JULIANO, 2010). Isso significa que a pessoa não se desenvolve a partir de uma única perspectiva, ela está vulnerável aos eventos que ocorrem nos micro, meso e exossistemas que influenciam em maior e menor grau em sua vida.

Ao se entender que a relação entre universidade e comunidade é o estabelecimento de um mesossistema, então é possível afirmar que as práticas extensionistas se caracterizam como oportunidades de desenvolvimento humano. Em uma atividade de extensão universitária na área da saúde, por exemplo, mais do que levar prevenção, tratamento ou cura a pessoas, os alunos participantes também acabam por se desenvolver. Não se pode considerá-los como meros expectadores dos efeitos de sua intervenção, pois também acabam impactados nesse processo.

Dessa forma, entende-se que as atividades de extensão possuem como resultados não só considerações pragmáticas, mas, também, subjetivas no sentido de desenvolvimento humano. Portanto, esse trabalho se propõe a uma revisão dos anais da Semana de Iniciação Científica do Unilasalle (SEFIC) dos anos de 2012, 2013 e 2014, no que se refere a resumo pôsteres de autoria de graduandos do Unilasalle alocados na área temática Ciências da Saúde, oriundos de experiência de extensão. Como os resumos devem descrever os principais resultados da pesquisa realizada, acredita-se que seja possível a menção ao desenvolvimento dos alunos além da técnica, numa tentativa de identificar expressões que indiquem também o desenvolvimento humano dos alunos envolvidos.

3. Metodologia

Para fins de verificação quanto ao possível vínculo entre as atividades de extensão universitária e o desenvolvimento ecológico humano proposto por Bronfenbrenner (1996), foram analisados os trabalhos relacionados à área temática das da Saúde da SEFIC das edições dos anos de 2012, 2013 e 2014, que são as edições que possuem os anais publicados no *site* do evento. A área da Saúde foi escolhida por ser uma das que mais propicia oportunidades de



atendimento à comunidade. Para fins de delimitação da análise, foram considerados apenas trabalhos de autoria de alunos da graduação do Unilasalle, pelo fato da relevância da extensão para as ICES, conforme mencionado no referencial teórico.

Durante a leitura dos trabalhos, percebeu-se que a maioria significativa não menciona que se trata de atividade extensionista. No entanto, a partir do entendimento de extensão que o artigo aborda, é possível identificar diversos relatos de vivência que se enquadram como atividades de extensão. Dessa forma, foram desconsiderados na análise trabalhos nos quais não foi possível identificar as características de extensão. Também foram desconsideradas para análise revisões bibliográficas, experiências laboratoriais e outros métodos que não necessitam de interação humana. A tabela 1, a seguir, apresenta a quantidade absoluta e relativa dos trabalhos a partir dos critérios anteriormente mencionados:

Tabela 1 – Anais das SEFIC da área temática Ciências da Saúde

Situação do trabalho	2012		2013		2014	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Menciona ser atividade de extensão	01	2%	02	3%	04	6%
Caracteriza-se extensão, mas sem menção	15	25%	19	26%	10	15%
Utiliza método sem interação humana	16	27%	12	16%	18	27%
Trabalhos de outras IES ou sem menção à IES	06	10%	32	43%	19	29%
Não se caracteriza extensão, não possui autoria de graduando ou é projeto de pesquisa	12	20%	09	9%	15	23%
Link não abriu	09	15%	-	-	-	-
Total	59*	100%	74	100%	66	100%

* No site do evento há 66 links, no entanto, um mesmo trabalho repete-se 7 vezes, alterando somente a autoria.

4. Considerações Finais

A partir da leitura dos resumos que se enquadravam nos limitadores da revisão, se notou que não há menção à contribuição da experiência relatada para o desenvolvimento ecológico humano do acadêmico na maioria significativa dos casos. Contabilizou-se somente 1 trabalho para a edição de 2012; 1 trabalho para a edição de 2013 e 2 trabalhos em 2014 que registravam aspectos condizentes com a abordagem ecológica do desenvolvimento humano, como se pode perceber nos trechos dos resumos, a seguir descritos.

Souza e Kortamnn (2012, p.1) em relação à conclusão de sua intervenção: “o resultado final desta pesquisa foi de grande valia, pois, aprendemos muito com estes pais [...] para nós foram aprendizagens de vida e profissional.”. Já D’Avila *et al* (2013, p.1) afirmam que “foi e é ainda mais importante reconhecer que não produzimos aproximações transformadoras somente com as pessoas de Moçambique, mas como grupo, com nós mesmos.”. Já Raupp *et al* (2014, p.1) apresentam no objetivo de seu trabalho “possibilitar integração das colaboradoras entre si e junto aos acadêmicos de enfermagem, oferecer um espaço prazeroso de descontração e promover uma reflexão sobre a interdependência entre autoestima, autocuidado e saúde” e ao final do resumo, mostram-se satisfeitas em atingir o objetivo. No relato de Ficagna *et al* (2014, p.1), ao perceber o quanto a convivência junto a idosos impactou nos alunos participantes da atividade, eles afirmam:



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

COMUNICAÇÃO ORAL

ISSN 1983-6783

Da mesma forma que, os pacientes ganham com esse tipo de ação, os alunos aprendem a trabalhar em equipe, a resolver os problemas e decidir o melhor coletivamente, fator esse que agrega conhecimento. Ao mesmo tempo em que podem ajudá-los, conviver com idosos os torna pessoas melhores, pois o olhar de carinho que recebem a cada palavra dita, o toque no ombro, o aperto de mão e o muito obrigado ao fim de cada conversa, os motiva e os faz crer que podem fazer a diferença. (FICAGNA *et al*, 2014, p.1).

Nos demais trabalhos (15 em 2012; 20 em 2013; e 12 em 2014), os resultados mantiveram-se presos às melhorias quantitativas ou qualitativas percebidas nas pessoas da comunidade atendida. Em nenhum desses casos, houve relato dos ganhos dos alunos nas intervenções além da confirmação prática do protocolo ou estratégia de saúde desenvolvidos. Nesse aspecto, o aluno, como pessoa humana, parece não se incluir no processo, somente é o agente da intervenção e da anotação dos resultados. Contudo, acredita-se que houveram impactos além dos técnicos-científicos, contudo, a falta de um olhar a partir da complexidade ao qual as práticas de extensão estão sujeitas, pode explicar por que tais impactos ainda não são considerados relevantes o suficiente para que os mesmos figurem nos relatos dessas práticas. Conforme acredita Morin (2014, p. 26), é necessário um novo espírito científico, visto que a fragmentação dos saberes “[...] demoliu as entidades naturais sobre as quais sempre incidiram as grandes interrogações humanas: o cosmo, a natureza, a vida e, a rigor, o ser humano.”. Nesse sentido, como compreende Síveres (2011), o conhecimento tecnocientífico pode estar acompanhado daquilo que se agrega a partir da vivência e convivência que são proporcionados a partir da extensão.

Retoma-se, portanto, a importância da compreensão sistêmica e aos aspectos que promovem o desenvolvimento ecológico humano na realização de atividades de extensão universitária. É possível que tais práticas venham a ser meios para tratar desse tema no âmbito da graduação, de forma a incentivar nos acadêmicos uma reflexão mais acurada sobre os resultados de suas intervenções. Dessa forma, o mesossistema estabelecido entre universidade e comunidade pode influenciar ainda mais de maneira positiva naqueles que nele se envolvem.

Cabe observar que esse estudo trata de análise que considerou somente os trabalhos realizados por graduandos do Unilasalle. Portanto, as considerações ora apresentadas a respeito dos aspectos de desenvolvimento ecológico humano limitam-se à amostra sugerida. No entanto, tais considerações apresentam-se úteis pois sinalizam a necessidade de aprofundar os estudos que considerem o potencial desse mesossistema (universidade – comunidade). Da mesma forma contribui para a continuidade dessa pesquisa a partir das seguintes questões: quais os benefícios da valorização da abordagem de desenvolvimento ecológico humano para a gestão da extensão universitária? Como essa valorização deve ser trabalhada nas atividades extensionistas de modo a ser percebida pelos alunos como um resultado relevante de suas intervenções? Achados que se aproximem das respostas a essas perguntas contribuirão para uma formação integral, indo além da formação técnica e que refletirá positivamente no modo de atuação profissional desses alunos após sua formação.



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

COMUNICAÇÃO ORAL

ISSN 1983-6783

Referências

ALVES, Paola Biasoli. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre , v. 10, n. 2, p. 369-373, 1997 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721997000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 jul. 2016.

BRONFENBRENNER, Urie. (1996). **A ecologia do desenvolvimento humano**: Experimentos Naturais e Planejados. Porto Alegre, Artes Médicas.

D'AVILA, Michele Nunes. MENDES, Juliana Nunes. SELBACH, Luiz Carlos. LOPES Ronaldo Silva Lopes. SÜDECUM, Rafael. Tire tesse: a força multiplicadora de um grupo de voluntários em Beira - Moçambique/2012. In: SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – SEFIC, 9, 2013. Canoas. **Anais eletrônicos**. Canoas: Unilasalle, 2013. Disponível em: <[http://unilasalle.edu.br/sefic/2013/trabalhos/Poster/Ciências%20da%20Saúde%20\(SD\)/SD_277_Davila.pdf](http://unilasalle.edu.br/sefic/2013/trabalhos/Poster/Ciências%20da%20Saúde%20(SD)/SD_277_Davila.pdf)>. Acesso em 16 jul. 2016.

FERNANDES, Mônica Abranches. Trabalho comunitário: uma metodologia para ação coletiva e educativa da extensão comunitária em comunidades. In: MENEZES, Ana Luiza Teixeira. SÍVERES, Luiz (org.). **Transcendendo fronteiras**. A contribuição da extensão das Instituições Comunitárias de Ensino Superior. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2011.

FICAGNA, Cátia Regina. MEDEIROS, Melane Escouto. LORENZONI, Rachel Nunes. MARTINI, Angela Conte (orient.). FRANCO, Carmem Kieling (orient.) Interdisciplinaridade em saúde: relato de experiência dos acadêmicos nas ações do projeto de saúde do idoso. In: SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – SEFIC, 10, 2014. Canoas. **Anais eletrônicos**. Canoas: Unilasalle, 2014. Disponível em: <[http://unilasalle.edu.br/sefic/2014/trabalhos/Poster/Ciencias%20da%20Saude%20\(SD\)/CATIA%20REGINA%20FICAGNA.pdf](http://unilasalle.edu.br/sefic/2014/trabalhos/Poster/Ciencias%20da%20Saude%20(SD)/CATIA%20REGINA%20FICAGNA.pdf)> . Acesso em 16 jul. 2016.

MENEZES, Ana Luiza Teixeira. SÍVERES, Luiz. Nas fronteiras da indissociabilidade - a contribuição da extensão universitária. In: MENEZES, Ana Luiza Teixeira. SÍVERES, Luiz (org.). **Transcendendo fronteiras**. A contribuição da extensão das Instituições Comunitárias de Ensino Superior. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. Repensar a reforma, reformar o pensamento. 21ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

NOVAES, José Luís. MACIEL, Vera Elaine Marques. Centro Universitário Metodista IPA e a extensão: uma experiência vivida. In: GUTIERREZ, Lucila Ludmila Paula (org.). **Extensão Universitária**. Práticas da Educação em Saúde. Porto Alegre: Editora Universitária Metodista IPA, 2105.

RAUPP, Ronilda. MATHIAS, Andréia Dias. VASCONCELOS, Franciele. BAPTISTA, Carolina. KRUNO, Rosimery (orient.). Homenagem ao dia da mulher com as colaboradoras da higienização do Unilasalle-Canoas: dialogando sobre a auto-estima. In: SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – SEFIC, 10, 2014. Canoas. **Anais eletrônicos**. Canoas: Unilasalle, 2014. Disponível em: <[http://unilasalle.edu.br/sefic/2014/trabalhos/Poster/Ciencias%20da%20Saude%20\(SD\)/ANDREIA%20DIAS%20MATHIAS.pdf](http://unilasalle.edu.br/sefic/2014/trabalhos/Poster/Ciencias%20da%20Saude%20(SD)/ANDREIA%20DIAS%20MATHIAS.pdf)>. Acesso em 16 jul. 2016.

SÍVERES, Luiz. Princípios estruturantes da extensão universitária. In: MENEZES, Ana Luiza Teixeira. SÍVERES, Luiz (org.). **Transcendendo fronteiras**. A contribuição da extensão das Instituições Comunitárias de Ensino Superior. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2011.



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

COMUNICAÇÃO ORAL

ISSN 1983-6783

SOUZA, Sabrina Aparecida Pereira de. KORTMANN, Gilca Maria Lucena. Estágio institucional de psicopedagogia. In: SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – SEFIC, 8, 2012. Canoas. **Anais eletrônicos**. Canoas: Unilasalle, 2012. Disponível em: <<http://unilasalle.edu.br/sefic/2012/trabalhos/Ciencias%20da%20Saude/SABRINA%20APARECID A%20PEREIRA%20DE%20SOUZA.pdf>>. Acesso em 16 jul. 2016.

YUNES, Maria Angela Mattar. JULIANO, Maria Cristina. A biotecnologia do desenvolvimento humano e suas interfaces com educação ambiental. **Cadernos de Educação**. Pelotas, n. 37, p. 347-379, set./dez. 2010. Disponível em <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1591/1477>> acesso em 12 jul. 2016.